dex.php/praxiseducativa>. Acesso em: 26. Ago. 2020.
CHIZZOTTI, A.A, PONCE B.J. apud CHIZZOTI, A. A. Avaliação da produção docente no Ensino Superior: possibilidades e limites. São Paulo. Revista e-Curriculum, São Paulo, v. 5, n. 2, jul. 2010.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Presidência da
República, Casa Civil. Capítulo 2, artigo 6 e capítulo 3. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

MALHEIROS, Jane Lobo da Silva. O projeto político pedagógico e a inclusão. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/50452.pdf.

PORTAL MEC. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. 2007. p. 21-24. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2191- plano-nacional-pdf&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192.

Referências Conceituais. p. 17.Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c- n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192.

SANT'ANA, I. M, 2005 apud TAVARES, Lídia Mara Fernandes Lopes; SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos; FREITAS, Maria Nivalda Carvalho. A Educação Inclusiva: um Estudo sobre a Formação Docente. Rev. bras. educ.
espec. vol.22, no.4. Marília Oct./Dec. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382016000400527.

SANT'ANA, I. M. Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. Psicologia em estudo, Marília, v.10, n.2, p.227-234, 2005.

SANTOS, M. P. dos; PAULINO, M. M.. Inclusão em educação: uma visão geral. In: Santos,
M. P. dos; PAULINO, M. M.. Inclusão em Educação. São Paulo: Cortez, 2008. BONETI, Lindomar Wessler. A igualdade na diferença – vicissitudes das políticas públicas de educação inclusiva. In: FIGUEIREDO, R. V. de; BONETI, L. W.; POULIN, J-R. Novas luzes sobre a inclusão escolar. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
VITALIANO, C.R 2007 apud TAVARES, Lídia Mara Fernandes Lopes; SANTOS Larissa Medeiros Marinho dos; FREITAS, Maria Nivalda Carvalho. A Educação Inclusiva: um Estudo sobre a Formação Docente. Rev. bras. educ.
espec. vol.22, no.4. Marília Oct./Dec. 2016. Acesso em: 26. Out. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382016000400527.

VITALIANO, C.R. Análise da necessidade de preparação pedagógica de professores de cursos de licenciatura para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v.13, n.3, p.399-414, 2007.

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. (Universal design for learning as a strategy for school inclusion). Educação Unisinos 22 (2); 147-155, abril-junho 2018.
Unisinos- doi: 10.4013/edu.2018.222.04. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2018.222.04/60746207. Acesso em: 25. ago. 2020.

AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NAS FORMAS DE ENSINO DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

CLAUDIA LAUTON DA SILVA ALVES HENRIQUE

RESUMO

Buscando refletir sobre o processo de alfabetização e letramento, analisando as práticas pedagógicas em sala de aula pode-se dizer que o ato de ler e escrever constitui-se como elemento essencial à condição humana, uma vez que a aquisição da língua oral e escrita nos remete à possibilidade de participação social na qual nos tornamos seres no mundo. Por considerarmos a alfabetização e o letramento como uma etapa significativa na vida do educando, e compreendendo ainda que, o papel do professor que alfabetiza é fundamental neste processo podendo definir o sucesso ou o fracasso do aluno no caminhar da sua escolarização, é importante que o professor possa

fazer o diagnóstico de seus alunos e observar em que nível de conhecimento se encontra cada aluno e se possuem alguma dificuldade no seu processo de aprendizagem. Então, é nesse contexto que iremos verificar os métodos atuais de alfabetização que norteiam a nossa prática.

Palavras chave: Aprendizagem. Alfabetização. Letramento. Práticas Pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

Preocupamo-nos em apresentar a importância da alfabetização e do letramento na alfabetização escolar, bem como suas dificuldades, deixarem de ser localizada somente no aluno e no professor e passarem a serem vistas como um processo maior com inúmeras variáveis que precisam ser apreendidas com bastante cuidado pelo professor, pedagogo e a participação gestora da escola.

Com essa visão questionam-se por que é difícil aprender a ler e escrever? Qual o melhor modo de se aprender a ler e escrever? Como conseguimos fazer com que a aprendizagem da leitura e da escrita seja realizada com êxito pela criança?

Estas questões puderam ser respondidas baseadas nas ideias de consagrados autores como Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (2008), Magda soares (2012), Ângela B. Kleiman (2012), Isabel Solé (2014), entre outros destacados nas referências.

Objetivou-se destacar o papel do letramento no aprendizado escolar como amplamente reconhecido. Mostrar que as características da criança e a escola também influem. Tendo em vista que algumas crianças na fase escolar apresentam dificuldade em seus processos de aprendizagem, relativas á questões afetivas podendo influenciar tal processo.

Quando professores e educadores têm uma reflexão pedagógica é mais fácil analisar o porquê do seu aluno não aprender e quais os fatores que levam o aluno a ter dificuldades no processo de aprendizagem. Muitas das vezes os mesmos tendem a procurar um culpado para isso tudo, e o maior crucificado é a família em que o aluno vive por sua postura e comportamento.

A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa foi à revisão de literatura em obras pertinentes ao assunto abordado. Optou-se por este método, pois uma boa investigação científica requer um arcabouço teórico que só pode ser obtido em uma bibliografia composta de obras de referência e trabalhos recentes sobre a matéria.

Paradoxalmente o lema de muitas escolas é: quietas, caladas, paradas, se contrapondo aos primeiros indícios se sua construção dos mecanismos da leitura e escrita.

Dessa forma demonstraram-se na pesquisa os princípios e processos da alfabetização e letramento, iniciando-se pela alfabetização como importante processo de aprendizagem. Em seguida destacou-se o letramento nas séries iniciais. Por fim apontamos o letramento dentro da escola, fazendo assim as discussões e recomendações sobre a pesquisa.

2 ALFABETIZAÇÃO COMO IMPORTANTE PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Conforme as palavras de Magda Soares (2012) julgam-se imprescindível haver uma conscientização sobre a importância da alfabetização para esse novo milênio, visto que num mundo em rápida e crescente evolução como o qual em que vivemos é necessário que o adulto que não conseguiu ser alfabetizado na época adequada, incorpore que nunca é tarde para começar e como ele faz parte do mundo, deve ser sujeito deste mundo e não simplesmente espectador. (apud SALES, 2018, P. 83).

Alfabetizar é a tarefa mais importante no processo de ensino e aprendizagem e não tem sido fácil para os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental exercê-la de forma eficaz, principalmente quando temos por base o nosso país, o qual ao longo de sua história enfrentou crises severas com o fracasso da alfabetização nas escolas brasileiras, diante disso pode-se afirmar que vivemos num país cujos índices de fracasso vêm se reduzindo, mas continuam inaceitáveis (MORAIS, 2012, p. 21).

Esse é um retrato de nossas escolas, reflexo que nos faz lembrar que apenas nas primeiras décadas do século XX o direito ao ensino público se tornou legal, por isso, o índice de analfabetismos no Brasil continua lamentável.

Conforme Sales (2018, p. 83) a alfabetização não pode ser como uma doação, de fora para dentro, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, ajustado pelo professor. Ler é um conjunto de habilidades e comportamentos que se estendem desde simplesmente decodificar sílabas ou palavras até ler Grande Sertão Veredas de Guimarães Rosa.

Uma pessoa pode ser capaz de ler um romance um bilhete, ou uma história em quadrinhos, e não ser capaz de ler um romance, um editorial de jornal. Assim

ler é um conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos, que compõem um longo e complexo continuum. (SOARES, 2012, p. 48).

Alfabetizar e letrar vão além da simples decodificação dos códigos alfabéticos, assim é necessário haver uma revisão das antigas formas de alfabetizar.

Alfabetizar e letrar não são processos independentes, mas interdependentes e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, por meio de atividade de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2012, p. 15).

Ferreiro (2008) em sua concepção de alfabetização se opõe a Magda Soares quando enfatiza que o processo de alfabetização é restrito, refere-se apenas ao aprender/ensinar a ler e escrever, a codificar e decodificar os signos linguísticos. Na sua visão como alfabetizadora o processo de alfabetização e letramento são conceitos que embora distintos constituem-se em elementos complementares.
O termo letramento está intrínseco no processo de alfabetização, uma vez que considera o sujeito social no processo de construção do seu conhecimento. Segundo sua teoria a alfabetização caracteriza-se pela sucessão de etapas cognitivas que, sem a instrução direta vinda dos adultos, elaboradas pelas crianças em processo de construção do conhecimento a partir da interação com o meio social e escolar (FERREIRO, 2008).
O analfabeto aprende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever. É entender o que se lê e escrever o que se entende. (FREIRE, 2012, p. 72).

Os métodos tradicionais de alfabetização que conhecemos, apesar das diferenças que apresentam, têm uma única e comum teoria de conhecimento subjacente: a visão empirista/associacionista de aprendizagem. Segundo tal perspectiva, o aprendiz é uma tábula rasa e adquire novos conhecimentos (sobre o alfabeto) recebendo informações prontas do exterior (explicação sobre letras e sons) que, através da repetição do gesto gráfico (cópia) e da memorização (das tais relações entre letra e som), passariam a ser suas. (MORAES, 2012, p. 27).

Solé (2014, p.18), defende que “compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas”, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada. (apud SALES, 2018, p. 83).

Ler é uma questão de compartilhar seja objetos, tarefas, os significados construídos em torno delas. No entanto, nessa atividade compartilhada a responsabilidade é diferente para o professor e para os alunos, pois o primeiro pode se colocar ao nível dos segundos, para ajudá-los a se aproximar dos objetos perseguidos. (SOLE, 2014, p. 173 apud SALES, 2018, p. 83).

Quanto maior o acesso à cultura escrita, maiores as possibilidades de construção de conhecimentos sobre a língua, mais se estabelece a comunicação com os textos impressos, por meio da busca da compreensão; constituindo uma tarefa permanente, que se enriquece com novas habilidades à medida que se manejam adequadamente textos cada vez mais complexos, sabe-se que ler é um processo que se desenvolve ao longo de toda escolaridade e de toda vida.

O desenvolvimento da competência leitora não se finda quando o aluno domina o sistema de ler e escrever, pois este processo é contínuo contando com a participação do aprendiz nas práticas que envolvem a língua escrita e se traduz na competência leitora de produzir textos dos mais variados gêneros. (SALES, 2018, p. 84).

Quanto maior o acesso à cultura escrita, maiores as possibilidades de construção de conhecimentos sobre a língua, mais se estabelece à comunicação com os textos impressos, por meio da busca da compreensão; constituindo uma tarefa permanente, que se enriquece com novas habilidades à medida que se manejam adequadamente textos cada vez mais complexos, sabe-se que ler é um processo que se desenvolve ao longo de toda escolaridade e de toda vida.

É preciso que no decorrer do letramento, o alfabetizando entenda que, há certa dose de representações arbitrárias, as quais exigem estratégias cognitivas próprias. Ele [o aluno] deverá saber [...] em que casos pode haver situações arbitrárias; deverá saber que é preciso memorizar a forma das palavras (FARACO, 2012, p. 10).

Assim, de acordo com Soek; Haracemiv; Stoltz (2009, p. 40) "o letramento não acontece apenas dentro das classes de alfabetização. Ele acontece antes e durante a alfabetização e continua para o resto da vida". Dessa forma as habilidades de leitura e escrita deixaram de ser vistas como o simples desenvolvimento de habilidades motoras para assumirem o papel de habilidades culturais e sociais necessárias à vida de todo cidadão.

Faraco (2012) relacionando som e letra divide o sistema linguístico em dois grupos onde no primeiro mantém relações biunívocas, em que há uma determinada unidade sonora corresponde a certa gráfica; no segundo mantém relações cruzadas, dividindo-se ainda, e considerando a unidade sonora que possui mais de uma representação gráfica possível havendo ainda uma unidade gráfica que representa mais de uma unidade sonora.

Micotti (2012) faz reflexões discutindo temas presentes no cotidiano escolar, propondo soluções possíveis para questões relacionadas ao processo de alfabetização.

Nesta perspectiva buscam-se fazer com que o aluno domine a linguagem em sua dimensão discursiva, oral e escrita, em diversas situações. Para a concepção interacionista, considera-se a linguagem como um trabalho social e histórico, no qual as pessoas se constituem e operam com recursos diversos, desde que consigam a significação do que querem.

Considera-se que a utilização da escrita para o registro do saber produzido pelo homem é acompanhada por uma transformação gradativa nos mecanismos de transmissão do conhecimento. Inicia-se então um processo de acumulação do saber, gerando a possibilidade de criação de conhecimentos novos a partir do acervo já disponível.

Se de início, a escrita é apenas suporte gráfico da memória auditiva, com o advento da tipografia, a palavra é retirada do seu universo sonoro e transformada numa configuração no espaço da página impressa.

2.1 O LETRAMENTO NAS SÉRIES INICIAIS

A palavra letramento era pouco conhecida por educadores e profissionais da educação, alguns acabam confundindo com alfabetização. Essa palavra surgiu dos estudos linguistas e estudiosos da língua portuguesa, passando assim a ser mais bem reconhecida na área educacional.

O termo letramento veio da palavra da língua inglesa "literacy", que vem de um ser literate, que é definido como educado, que sabe ler e escrever. Estamos cansados de saber como é problemática a falta de conhecimento, a falta de saber ler e escrever dentro da nossa sociedade.

Essa preocupação tornou-se uma questão de estudos para reverter o fato e várias atividades foram criadas para tentar resolver esta situação tão complicada.

Como foi constatado que não basta apenas ler e escrever, mas sim que é muito mais que isso que o indivíduo precisa, precisa saber fazer uso destes termos como a sociedade exige. E é daí que surge o letramento.

A aprendizagem da língua escrita envolve um processo de aculturação através, e na direção das práticas discursivas de grupos letrados-, não sendo, portanto, apenas um processo marcado pelo conflito, como todo processo de aprendizagem, mas também um processo de perda e de luta social (KLEIMAN, 2012, p. 271).

Enquanto o letramento trabalha nos níveis sócio-históricos de como usar a leitura e a escrita, a alfabetização trabalha somente a aquisição da leitura e da escrita. Mas não se pode deixar de citar que a alfabetização e o letramento estão intimamente ligados com ressalvas.

Eles podem ser trabalhados em conjunto, sem dizer uma ordem certa, e o mais importante também é saber que todos os indivíduos possuem um grau de letramento já inicializado precisando somente ser trabalhado.

Magda Soares (2012, p. 47) faz um apanhado geral do assunto em seu livro "Letramento: um tema em três gêneros" mostrando um exemplo que diz "até um adulto analfabeto pode estar em condições de letrado, pois não aprender ler e escrever, mas consegue fazer uso da escrita através da orientação de algum indivíduo que seja alfabetizado". Até quando o analfabeto pede para alguém ler para ele algo do seu interesse ele esta usando experiências sócias então possui algum nível de letramento.

Mesmo antes de uma criança entrar na escola ela pode se interessar por livros, revistas, jornais, então mesmo que não saiba ler ela sozinha monta seus textos usando sua imaginação, representa a história só de ver as figuras, assim pode ser considerada letrada (SOARES, 2012).

Existem também exemplos de crianças que são alfabetizadas e que não alcançam nenhum índice de letramento, pois ficaram somente concentradas em ler e escrever sem mostrar interesse e nem ser estimuladas de procurar livros revista, não são capazes

de escrever nem um bilhete.
Mesmo antes de se iniciar o ensino formal, a criança já construiu interpretações, elaborações internas, que não dependem da interferência do adulto e não devem ser entendidas como confusões perceptivas. As garatujas nunca são simples rabiscos sem nexo, por isso cabe ao professor estar atento para a maneira pela qual ele interpreta os sinais ao seu redor e não para aquilo que a escola pensa que ele deve ser. (ARANHA, 2010, p. 185).

Não podemos fechar os olhos para o que está acontecendo com a alfabetização, mas sim alertarmos a todos que a educação pode melhora e muito, basta nos conscientizarmos que ser professor não é só ter uma profissão, mas sim que estão formando novos pensadores, que poderão um dia lembrar-se de como levamos a séria a alfabetização e sempre estarem valorizando o ensino, a educação como primordial para a vida do ser humano.

2.2 O LETRAMENTO DENTRO DA ESCOLA

A escola é um importante lugar para ser desenvolvido o letramento, mas pena que muitas vezes visa apenas à alfabetização, deixando de lado o que seria primordial no processo de ensino aprendizagem.
Quando falamos de Alfabetização uma das palavras que vem a cabeça é Emilia Ferreiro. Junto com suas colaboradoras em publicações de livros e grupo de pesquisas sobre alfabetização: Ana Teberosky, Alicia Lenzi, Suzana Fernandez, Ana Maria Kaufman, Lílian Tolchinsk e Margarida Gómez Palácio.
A mestra Emília Ferreiro psicolinguística argentina revolucionou o conceito de alfabetização com seus métodos construtivistas/sociointeracionista dos grandes Pensadores Vygotsky e Piaget, o ato de ensinar desloca-se pelo ato de aprender através da construção do conhecimento do educando absorvendo o que lhe é ensinado, mediado pelo educador intervindo e trabalhando os aspectos afetivos, cognitivos e motores.
Antes centrado no professor que ensina, passou a ser no aluno que aprende método da construção do saber, respeitando o tempo do aluno e ao mesmo tempo valorizando o seu ritmo de aprendizagem e o meio no qual está inserido.
Desviou o enfoque do "como se ensina" para "como se aprende", colocando a escrita no seu devido lugar, tirando da escola o monopólio da alfabetização no centro dessa questão que o sujeito ativo e inteligente descrito por Piaget.
Ferreiro lançou com Ana Teberosky, o livro "Psicogênese da Língua Escrita (2008)", onde aborda os níveis estruturais da linguagem escrita durante o processo de alfabetização que os alunos se encontram e se desenvolvem em diferentes ritmos.
Emília Ferreiro (2008) divide os estágios pelo qual a criança passa durante o processo em nível pré-silábico (início da fonetização da escrita), onde a criança escolhe as letras que se familiariza de acordo com suas hipóteses de escrita. A palavra que está escrita representa o nome da figura desenhada e que está sendo mostrada. Associa as pessoas, não preocupando com o som da letra. Usa uma quantidade de letras menores que tem cada palavra (usa duas ou três letras), percebe que é preciso variar caracteres para obter diferentes palavras.
O nível silábico onde a criança já tem consciência das diferenças na representação da escrita das palavras relaciona-se com o som. Usa letras aleatórias ou usam só vogais ou apenas consoantes, letras inventadas ou também repete letras que entendem devido o número de sílabas das palavras. Fazem correspondências aos sons e escolhem letras de forma ortográfica ou fonética.
O nível alfabético que é a etapa final da evolução. A criança já sabe assimilar que as sílabas são apenas umas unidades, mas que pode se separar em unidades menores. Ela ainda não tem uma identificação garantida do som com a identificação da letra, e pode ter dificuldades de ortografia na escrita, supondo necessidade de análise fonética das palavras.
A pré-escola recebe este nome justamente para que todos entendam que ela é um período preparatório para que o aluno receba as primeiras informações formais, pois ele já trás de casa uma grande bagagem que deve ser usada dentro do contexto escolar.
A criança para aprender ela precisa estar em um ambiente que a torne feliz e que a deixe a vontade, para assim exercitar suas habilidades. Se ela se sentir segura ela poderá enfrentar todas as dificuldades que encontrará no processo de ensino aprendizagem com êxito, pois se mostrará que tem equilíbrio emocional e que sabe respeitar os limites a qual foi colocada, adquirindo também sua independência.

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (SOARES, 2012, p. 47).

A pré-escola deve trabalhar todos os conhecimentos prévios, pois é lá que a criança começará o processo de ensino aprendizagem e é de lá que crescerão os futuros donos deste país. A criança deve brincar para assim desenvolver suas habilidades de nível global, como, jogos, brincadeiras, brinquedos, histórias, músicas, dramatizações, entre outros estímulos concretos.

A pré-escola pode ser considerada a ponta pé inicial para colocar em prática as habilidades adquiridas na sociedade dentro da escola com maior direcionamento, por isso é muito importante que a criança a frequente. Quanto mais estimularmos nossas atividades cerebrais maior será o desempenho do indivíduo no processo de ensino aprendizagem.

Os pais precisam pesquisar muito bem na hora de escolher a primeira escola de seus filhos, pois infelizmente ainda encontramos escola que esquecem o lúdico e encara a alfabetização como fator único dentro da pré-escola. Com certeza os pais que incentivam uma boa educação dos seus filhos, seja dentro ou fora da escola estarão contribuindo para o futuro deles e da nação.

A deficiência na leitura é um problema que atinge muitas crianças, nas séries iniciais, fazendo com que muitas não consigam alcançar o mundo da escrita e da leitura. Perante a esse problema o educador deve desenvolver estratégias estimulando as crianças no hábito da leitura, possibilitando o contato com diversas informações e conhecimentos e também estratégias na prática pedagógica, tornando-os leitores eficientes e escritores eficazes.

A leitura possibilita a compreensão do mundo, a comunicação com os outros, a formação pessoal e profissional, questionamento de ideias, momentos de lazer e prazer, de estímulo à imaginação ampliando assim nossos conhecimentos de mundo. È na escola que a criança tem mais contato com a leitura e com a escrita; desse modo, a escola precisa assumir essa responsabilidade, priorizando o ensino da leitura, bem como da escrita. (KLEIMAN, 2012).

O ato de ler é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de intelecção de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de entendido não só no sentido mais restrito de situação imediata de interação com o outro pela mediação da palavra. (BRANDÃO, MICHELETTI 2007, p. 17).

Percebendo que muitas crianças leem e escrevem abaixo do nível escolar esperado e também perdem o gosto pela leitura, podendo muitas vezes abandonar os estudos, Cíntia Alves Pereira e Eli Santiago Júnior, colocou as seguintes perguntas para se entender esse processo alfabético:

A criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda 'analfabeta', porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma, letrado. (SOARES, 2012, p. 24).

Por que é difícil aprender a ler e escrever? Qual o melhor modo de se aprender a ler e escrever? Como conseguimos fazer com que a aprendizagem da leitura e da escrita seja realizada com êxito pela criança? A escola é, ainda hoje, uma das principais agências de letramento, então podemos dizer que as inúmeras formas de se utilizar a atividade de leitura estão no período escolar.

A partir da leitura de variados autores poderemos refletir e saber o que poderemos fazer para resgatar a autoestima e trazer esse aluno para as salas de aula mostrando que entender a alfabetização é possível e que todos são capazes. Mostrar também que a postura da escola e do professor pode influenciar nesse processo.

O indivíduo que faz uso de jornal, ouvindo o que os outros leem, se vivem em um meio onde há presença forte da escrita, ele é analfabeto, mas, porém letrada, pois se envolve em práticas sociais da leitura.

Da mesma forma que a criança que ainda não foi alfabetizada, mas já vive em um mundo enriquecedor, onde ouve história e as interpreta, brinca de escrever, finge ler os livros através das figuras que conhece essa criança também é letrada, antes mesmo de ser alfabetizada.

Essas colocações explicam as diferenças entre alfabetização e letramento: investigar as práticas sociais que fazem parte do cotidiano do aluno, adequando-as à sala de aula e aos conteúdos a serem trabalhados; planejar suas ações visando ensinar para que sirva a linguagem escrita e como o aluno poderá utilizá-la; desenvolver no aluno, por meio da leitura, interpretação e produção de diferentes gêneros de textos, habilidades de leitura e escrita que funcionem dentro da sociedade; incentivar o aluno a praticar socialmente a leitura e a escrita, de forma criativa, descobridora, crítica, autônoma e ativa, já que a linguagem é interação e, como tal, requer a participação transformadora dos sujeitos sociais que a utilizam; recognição,

por parte do professor, implicando assim o reconhecimento daquilo que o educando já possui de conhecimento empírico, e respeitar, acima de tudo, esse conhecimento; não ser julgativo, mas desenvolver uma metodologia avaliativa com certa sensibilidade, atentando-se para a pluralidade de vozes, a variedade de discursos e linguagens diferentes; avaliar de forma individual, considerando as peculiaridades de cada indivíduo; trabalhar a percepção de seu próprio valor e promover a autoestima e a alegria de conviver e cooperar; ativar mais do que o intelecto em um ambiente de aprendizagem, ser professor-aprendiz tanto quanto os seus educandos; e reconhecer a importância do letramento, e abandonar os métodos de aprendizado repetitivo, baseados na descontextualização.

Alfabetizar letrando é ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, assim o educando deve ser alfabetizado e letrado. No Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam e se confundem.

A discussão do letramento surge sempre envolvida no conceito de alfabetização, o que tem levado a uma inadequada e imprópria síntese dos dois procedimentos, prevalecendo o conceito de letramento sobre o de alfabetização.

Não podemos separar os dois processos, pois a princípio o estudo do aluno no universo da escrita se dá concomitantemente por meio desses dois processos: a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades da leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, o letramento.

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita a alfabetização e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita. (SOARES, 2012, p. 14).

Magda Soares (2012, p. 23) enfatiza que "o letramento não é só de responsabilidade do professor de língua portuguesa ou dessa área, mas de todos os educadores que trabalham com leitura e escrita". Mesmo os professores das disciplinas de geografia, matemática e ciências. Alunos lêem e escrevem nos livros didáticos. Isso é um letramento específico de cada área de conhecimento. O correto é usar letramentos, no plural.

Não adianta simplesmente letrar quem não tem o que ler nem o que escrever. Precisamos dar as possibilidades de letramento. Isso é importante, inclusive, para a criação do sentimento de cidadania nos aluno (SOARES, 2012).

2.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como resultado da pesquisa observou-se que a alfabetização começa quando os pais e a sociedade dão ou tira da criança, o direito de pensar, de ser autônomo e autor de sua própria história. Melhorar a qualidade da leitura e escrita é, em longo prazo, uma questão política, vinculada a um desejo melhor se compreender o que é a leitura e como as crianças aprende a ler.

Acredita-se ser possível seguramente reconstruir um espaço para a reconstrução da leitura, bastando compreender que a construção da leitura e da escrita começa muito antes da criança ir à escola sabendo caminhar, falar e escutar. Escrever e ler são transcendências no tempo e no espaço ao caminhar, falar e escutar.

Observou-se ainda ter sido a partir da década de 80 que o conceito sobre alfabetização foi ampliado por meio das contribuições e estudos sobre a psicogênese da aquisição da língua escrita, ou seja, particularmente com as pesquisas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

De acordo com esses estudos o aprendizado caracteriza-se como um processo ativo.

Julga-se imprescindível a conscientização sobre a importância da alfabetização neste novo milênio, pois na rápida e crescente evolução atual do mundo no qual vivemos é necessário o adulto que não foi alfabetizado na época adequada, perceba nunca ser tarde para começar e ser sujeito deste mundo e não simplesmente espectador.

3 CONCLUSÃO

O domínio da leitura envolve uma série de habilidades complexas que precisam ser desenvolvidas progressivamente. Muitas são desenvolvidas fora da escola, mas a maioria precisa da escola para realizar tal tarefa.

Considera-se que a leitura não é somente a apropriação do ato de ler e escrever; ela envolve um domínio de um conjunto de práticas culturais que envolvem uma compreensão do mundo diferente daquele que não tem acesso à leitura, tem em si um papel tão importante e significativo na sociedade que podemos